

ROMANTISMO INGLÊS E IMAGINÁRIO HISPÂNICO NA VISÃO DO REI RODRIGO

João Almeida Flor

Homenagem a Maria Leonor
Machado de Sousa

No presente trabalho, é nosso propósito abordar um aspecto do relacionamento do romantismo inglês com o imaginário hispânico, através da leitura crítica da lenda do Rei Rodrigo que, na variação dos seus contornos, mas também na permanência do seu potencial mitopoético, constitui matéria em permanente elaboração literária, no espaço cultural europeu, desde a Idade Média aos nossos dias. Neste contexto, o poema *The Vision of Don Roderick* de Walter Scott (1811) surgirá enquadrado de dois modos fundamentais — por um lado, como texto indissolivelmente ligado às circunstâncias e aos antecedentes históricos que o determinam e acabam por induzir a peculiaridade da sua recepção na cultura portuguesa; por outro lado, enquanto texto cujo significado poético-simbólico exemplifica o modo como o Romantismo inglês tematiza a história mítica da Hispânia, violentada pela dominação dos árabes após o colapso da civilização cristiano-visigótica que o próprio Rei Rodrigo personifica.

*

*

*

Começemos por notar que nas suas variadas implicações, o estudo da figura do Rei Rodrigo mereceu já atenção de uma pleiade de investigadores ibéricos, entre os quais se contam os nomes de Milá y Fontanals, Menéndez Pidal, Sánchez Albornoz e Lindley Cintra que, tomados em sequência e em conjunto, permitem reconstituir as fortunas e vicissitudes póstumas dessa personagem, à medida que, da história, ela foi sucessivamente transposta para

os planos da abstracção e ficcionalização caracterizadores da lenda, da alegoria e do mito. (1)

Como é sobejamente sabido, ao abordar a dominação árabe da Espanha (quer dizer, da península hispânica onde também Portugal se situa), os historiadores referem que, em 711, o chefe berbere Tarif, com a conivência de um traidor visigodo chamado Julião, reuniu um exército, desembarcou em Gibraltar, invadiu a Andaluzia, derrotou os visigodos em Guadalete e, a partir daí, consumou a ocupação muçulmana da Península que havia de durar oito séculos. (2) Em torno destes marcos históricos se foi tecendo a lenda de Dom Rodrigo, último rei godo, já presente na chamada *Crónica do Mouro Rasis* depois incorporada na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, compilada e refundida por D. Pedro, Conde de Barcelos, mas cuja origem deve remontar a autores moçárabes coevos, interessados em encontrar uma explicação para eles satisfatória do modo como terminara abruptamente a monarquia visigótica, soçobrando à ameaça dos infiéis.

Ora, quando procuramos reconstituir a estruturação dos materiais históricos na lenda do Rei Rodrigo, verificamos existir nesta a instabilidade textual própria de narrativas só tardiamente fixadas por escrito e entretanto sujeitas às alterações e variações inerentes à transmissão oral num meio de cultura jogralesca.

No entanto, é possível concluir que, subjacente às variantes conhecidas, existe uma mesma configuração narrativa que se articula em segmentos consecutivos e consecuentes a partir de cinco núcleos ou momentos correlativos, pertinentes e sequenciais. No primeiro, narra-se como Dom Rodrigo, chamado a desempenhar funções de regente na menoridade dos herdeiros da coroa, logrou usurpar o trono visigótico. No segundo, trata-se da atitude de desafio demonstrada pelo (agora) Rei Rodrigo, ao desrespeitar as instruções interditórias que determinavam a inviolabilidade de um cofre escondido numa casa de Toledo construída por Hércules. O terceiro momento refere o estupro da jovem Alataba, motivado pela concupiscência do Rei Rodrigo que, assim, atraiçoa a confiança nele depositada pelo pai da vítima, o Conde Julião, cuja cólera activará o motivo da vingança para desafronta da honra. O quarto momento situa a preparação e execução das acções militares onde os mouros, aliados ao Conde Julião e ainda aos legítimos herdeiros da coroa visigótica conseguem, por valor e astúcia, derrotar o exército cristão comandado pelo Rei Rodrigo em pessoa. Finalmente, o quinto

(1) Cf. Manuel Milá y Fontanals, *De la poesia*, (Madrid, 1874); Juan Menéndez Pidal, *Las leyendas del último rey godo* (Madrid, 1906); Ramón Menéndez Pidal, *El rey Rodrigo en la Literatura* (Boletín de la Real Academia de la Historia, 1924); Luis Filipe Lindley Cintra, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol I (Lisboa, 1951) e ainda *A Lenda do Rei Rodrigo* (Lisboa, 1964).

(2) Cf., p.ex., Bernard Lewis, *Os Árabes na História*, trad. port. (Lisboa, 1990); António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol II (2ª ed. Lisboa, 1989); Pedro Aguado Bleye, *Manual de História de España*, Tomo I (Madrid, 1963); Ramón Menéndez Pidal, org. *España Visigoda* (5ªed. Madrid, 1985).

momento, algo nebuloso, conduz ao desenlace mais ou menos enigmático, consoante se aceitar a hipótese que dá o Rei Rodrigo por morto na própria batalha ou a que o considera nela apenas desaparecido para, em ascética solidão, fazer penitência e remir as suas faltas.

Como se calcula, esta história percorrida pela temática do poder e do desejo, da honra e da vergonha, da posse e da expropriação, da interdição e transgressão, da violência e da expiação sofre notórias metamorfoses (por aditamento ou eclipse de episódios, de personagens, de ênfases e seleções) na sua longa transmissão desde a literatura moçárabe aos cantares de gesta, às novelas de cavalaria e ao romanceiro popular tradicional, e à medida que transpõe as fronteiras hispânicas e integra, por via românica e germânica, o património cultural europeu. ⁽³⁾

Num inventário que pretende ser mais sugestivo do que exaustivo, registemos que as duas obras seminais na instauração desta tradição literária são as de Pedro Corral, *Crónica Sarracina* (1430) e Miguel de Luna, *Historia verdadera del rey Don Rodrigo* (1589), fontes a que se reporta a grande maioria das obras posteriores, mesmo quando estas não estabelecem entre si relações de dependência genética directa. Depois, ao século XVII pertencem textos como os de Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana* (1609), André da Silva Mascarenhas, *A Destruição de Hespanha* (1671), Frei Manuel Rodriguez, *Rodericus Fatalis* (Lovaina, 1631), Lope de Vega, *Jerusalén Conquistada* (1609) e *El postrer godo de España* (1617), para além das referências feitas por Tirso de Molina e Calderón e do drama de W. Rowley, *All's Lost by Lust* (1633).

Finalmente, no romantismo oitocentista se incluem, em França, Abel Hugo, *Romancero* (1821), Emile Deschamps, *Romances sur Rodrigue* (1827), alusões de Victor Hugo em *Notre Dame de Paris* (1831); em Espanha, Espronceda, *El Pelayo* (1824), o Duque de Rivas, *Florinda* (1834), José Zorrilla, *El Puñal del Godo* (1842); na Alemanha, Emmanuel Geibel, *König Roderich* (1844); em Portugal, evidentemente, Alexandre Herculano que, na introdução à *História de Portugal* e também em *Eurico o Presbítero* (1844), dedica alguns passos à história de Roderico e do Conde Juliano. E, se fosse necessário documentar a sobrevivência da lenda na literatura contemporânea, talvez bastasse recordar que ainda em 1875 se publica na Alemanha a obra de F. Dahn, *König Roderich*, e que, em 1970, o notável romancista Juan Goytisolo dá à estampa a *Reivindicación del Conde Don Julián*, logo traduzida para português por Pedro da Silveira e editada em 1972 pela D. *Quixote*. ⁽⁴⁾

⁽³⁾ Cf. Nota 1 *supra* e ainda Gonzalez Porto-Bomplani, *Diccionario Literario* (Barcelona, 1960); Ramón Menéndez Pidal, *Floresta de Leyendas Heroicas Españolas*, vols. I - III (Madrid, 1925); Elizabeth Frenzel, *Stoffe der Weltliteratur* (Stuttgart, 1970).

⁽⁴⁾ Ao meu Colega António M.C. Feijó agradeço a Informação que permitiu a leitura deste romance.

A completar este elenco, convirá indicar as ressonâncias principais da lenda do Rei Rodrigo na literatura oitocentista inglesa; para tanto, é pertinente transcrever o seguinte passo de uma carta de 8 de Setembro de 1811 em que Robert Southey agradece a Walter Scott a oferta do poema *The Vision of Don Roderick*:

"It is remarkable that three poets should at once have been employed upon Roderick. I have a tragedy of Landor's in my desk, of which Count Julian is the hero; it contains some of the finest touches, both of passion and poetry, that I have ever seen. Roderick is also the pre-eminent personage of my own *Pelayo* as far as it has yet proceeded." (5)

Com efeito, se recordarmos quer os poemas de Robert Southey, *La Cava* (1802) e *Roderick the last of the Goths* (1814), quer o de Walter Scott, *The Vision of Don Roderick* (1811) quer ainda o drama de Walter Savage Landor, *Count Julian* (1812), teremos delimitado o núcleo do *corpus* textual que, no romantismo inglês, tematiza a figura emblemática do Rei Rodrigo e a história trágica da queda da Hispânia sob o domínio muçulmano. Ao mesmo tempo, teremos definido a primeira década do século XIX como espaço de simultaneidade para o poema de Walter Scott e seus análogos e, a partir daqui, interessa reflectir sobre o condicionalismo histórico que propiciou tal afloramento hispânico no romantismo inglês e presidiu à génese, à estrutura interna e à recepção dos próprios textos.

Nesse sentido, e de forma sintética, convém sublinhar que, na sensibilidade histórico-política da geração de Walter Scott, pareciam evidentes as analogias entre dois grandes confrontos ideológicos e militares, ocorridos em épocas igualmente críticas para os destinos da Europa, embora separadas por mais de um milénio. Com efeito, o confronto traumático na Hispânia do século VIII entre cristãos e muçulmanos apresentava certas afinidades com o conflito internacional que, também no século XIX e na Ibéria da Guerra Peninsular, opunha os exércitos do imperialismo napoleónico, ainda nominalmente herdeiro da Revolução de 1789, aos defensores de uma outra ordem geo-estratégica, portadora de valores tradicionais do Antigo Regime.

Desta forma, nos alvares do século XIX, com referência aos anos imediatos ao Bloqueio Continental de 1806, a Hispânia encontrase no centro das atenções e expectativas da Europa e, por maioria de razão, dos românticos ingleses. Coleridge louvava a determinação e intrepidez de povos que, pela primeira vez, faziam retroceder e vacilar as forças napoleónicas; Wordsworth caminhava ansioso ao encontro da diligência que transportava os jornais com notícias da Península e, mais tarde, condensava boa parte do seu pensamento político em sonetos e num ensaio polémico escrito a propósito da

(5) Maurice H. Fitzgerald, ed., *Letters of Robert Southey* (London, 1912) 184.

chamada Convenção de Sintra; Southey, lusófilo entusiasta, maravilhava-se com a lição de heroísmo, generosidade e honra contida na reactivação do *ethos* da cavalaria medieval; Water Savage Landor leva a sua militância ao ponto de se ter alistado numa brigada de voluntários que entrou em combate na Península; e Leigh Hunt, na revista *Examiner*, a princípio reticente, acaba por apoiar a interferência britânica contra a França napoleónica, também comentada por periódicos como *The Times*, *Morning Chronicle* e *Courier*.

Quanto a Walter Scott, no primeiro dos quatro volumes biográficos que lhe consagrou, J. G. Lockhart sublinha o facto de o autor ter seguido com interesse indefectível os acontecimentos político-militares em curso no teatro de operações ibérico.

Conforme se encontra documentado na correspondência epistolar dessa época, tamanha era a preocupação de Walter Scott que, até mesmo em viagem, não dispensava a companhia de mapas da Península e cartas topográficas onde ia assinalando as posições e manobras dos exércitos em confronto. Mais do que isso, quando em princípios de 1811 se forma em Londres uma comissão para angariar fundos de auxílio às vítimas portuguesas da Guerra Peninsular, Walter Scott manifesta disponibilidade para colaborar, entregando, como donativo pessoal, a receita obtida com a venda do seu poema sobre o Rei Rodrigo, escrito especialmente para o efeito.

Na verdade, em carta datada de 26 de Abril de 1811 e dirigida a Morritt, pode ler-se a seguinte declaração de intenções:

“...I meditate some wild stanzas referring to the Peninsula: if I can lick them into any shape I hope to get something handsome for the Portuguese sufferers: ‘Silver and gold have I none, but that which I have I will give unto them.’ My lyrics are called The Vision of Don Roderick: you remember the story of the last Gothic King of Spain descending into an enchanted cavern to know the fate of the Moorish invasion — that is my machinery.”⁽⁶⁾

O poema, com perto de cem estrofes, foi publicado logo em Julho de 1811, ostentando no frontispício a dedicatória a John Whitmore e à comissão de lusófilos referida. Todavia, e independentemente do êxito comercial da edição, alguns críticos coetâneos lamentaram que a celeridade na composição do texto tivesse determinado certas negligências de construção, a contrastar com a elevação de tom patriótico e com o virtuosismo demonstrado por Walter Scott no manejo prosódico da chamada estância spenseriana de difícil execução técnica.

Aos olhos de um leitor dos nossos dias ainda mais se avolumam as insuficiências estético-literárias do texto, já que parece difícil elogiar os artificialismos de uma escrita convencionalmente arcaizante, de uma dicção poética saturada de apóstrofes, prosopopeias e hipérboles ou, por último, de uma representação

⁽⁶⁾ Cf. J.G.Lockhart, *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*, vol. I (Paris, 1838) 418ss.

ficcional sempre apoiada em alusões, perífrases e circunlóquios. Igualmente parece obsoleto e teoricamente inconsistente apreciar este ou aquele passo de *The Vision of Don Roderick* tomado de per si e como exemplo do pitoresco, do fantástico, do rigor descritivo, da imaginação visionária, da simbiose de história e alegoria ou, enfim, da evocação gótica do medievalismo. É certo que estes e outros aspectos existem realmente na obra mas de forma avulsa, em mera justaposição, a que falta a coesão interna e o suporte de homogeneidade orgânica que uma estruturação mais elaborada teria, porventura, assegurado.

Este juízo não pode surpreender quem estiver informado sobre o mérito relativo de Walter Scott enquanto romancista e autor de versos e sobre a diferente cotação atingida por essas duas dimensões da sua obra. Como seria de esperar, o interesse de *The Vision of Don Roderick* é essencialmente documental, por um lado como testemunho da afirmação do nacionalismo escocês, da autonomia e soberania britânica e da especificidade cultural hispânica conjugados para repelir a tutela estrangeira e, por outro lado, como texto que mais uma vez instrumentaliza e reactiva a figura mítica do Rei Rodrigo, comprovando a sua actualidade e pertinência, na leitura trágica da história dos povos peninsulares.

Ora, partindo da já citada *Historia Verdadera del Rey Don Rodrigo* e das tradições que conhecia, Walter Scott selecciona e reelabora as matérias-primas relativas à violação do segredo de Hércules, ao estupro de Alataba (ou Caba, ou Cava, ou Florinda), à indignação do Conde Julião, à invasão da Hispânia e ao desaparecimento do Rei Rodrigo, de modo a fixar-se num episódio a partir do qual seja possível sumariar em prolepse a história hispânica. Tal episódio-chave é constituído pela profanação do segredo de Hércules, ainda escondido e intacto na capital do reino.

Sobre este aspecto fulcral, ocorre observar que a dita violação da arca de Toledo não é mais do que uma prefiguração simbólica do estupro da jovem Alataba, já que são por demais evidentes as analogias entre as duas formas violentas de ganhar acesso ao conhecimento do espaço interior que é o lugar da intimidade na dimensão do mistério. Por seu turno, esta posse real e figurada, que a violência torna ilegítima, constitui a imagem central recorrente e sempre disponível para metaforizar a própria posse histórica do território hispânico inevitavelmente submetido à coacção armada que o Islão representa. Pela capacidade de ser, ao mesmo tempo, uma fábula onde o destino individual se identifica com o colectivo e permite uma reflexão etiológica sobre as estórias e a História, a lenda do Rei Rodrigo encerra um significado simbólico e mítico cuja espessura Walter Scott não chega a explorar inteiramente.

Com efeito, o segredo consiste na revelação do futuro da Hispânia pela sequência tripartida de visões que o protagonista experimenta e correspondem a três fases distintas (embora encadeadas), assim resumidas pelo autor no prefácio à primeira edição do poema:

“The first of these periods represents the Invasion of the Moors, the Defeat and Death of Roderick, and closes with the peaceful occupation of the country by the Victors. The Second Period embraces the state of the Peninsula, when the conquests of the Spaniards and Portuguese in the East and West Indies had raised to the highest pitch the renown of their arms; sullied, however, by superstition and cruelty. An allusion to the inhumanities of the Inquisition terminates this picture. The Last Part of the poem opens with the state of Spain previous to the unparalleled treachery of Buonaparte; gives a sketch of the usurpation attempted upon that unsuspecting and friendly kingdom, and terminates with the arrival of the British succours.” (7)

À medida que o entrecho do poema prossegue e se desdobra, o ângulo de visão vai-se fechando até que as atenções se concentram justamente no auxílio de ingleses, escoceses e irlandeses à causa da libertação da Hispânia, enquanto o cenário se torna distintamente português, com referências a Vimeiro, Buçaco, Serra da Estrela, Lisboa, Alverca, Alcobaça, Mondego e Águeda. Ao mesmo tempo, quebra-se o anonimato das forças britânicas e emergem, como heróis laureados vencedores dos franceses, as figuras de Wellington, Cameron, Cadogan, Beresford e Grahame.

Atingido esse clímax panegírico que reforça a intenção épica e celebratória do canto, Walter Scott glosa o tópico da viagem que, tal como o poema, vai chegar ao fim nesta estrofe:

But all too long, through seas unknown and dark,
 (With Spenser's parable I close my tale,
 By shoal and rock hath steer'd my venturous bark,
 And landward now I drive before the gale.
 And now the blue and distant shore I hail,
 And nearer now I see the port expand,
 And now I gladly furl my weary sail,
 And as the prow light touches on the strand,
 I strike my red-cross flag and bind my skiff to land. (8)

Antes de encerrar a perspetivação histórica, cultural e literária de *The Vision of Don Roderick*, vale a pena acrescentar um comentário sobre a recepção do poema em Portugal ou, melhor dizendo, entre os portugueses que, no nosso país e no Brasil, a despeito da censura, tinham acesso à imprensa periódica publicada em Londres por exilados políticos de convicções liberais, no primeiro quartel do século XIX.

Enquanto aguardamos um estudo circunstanciado do papel de mediação intercultural desempenhado por tais periódicos na afir-

(7) Cf. *The Poetical Works of Sir Walter Scott* (Edinburgh, 1890) 650.

(8) Cf. *The Poems and Plays of Sir Walter Scott*, vol.II (London, 1927) 130.

mação da lusofilia britânica e na génese do Romantismo português, deixemos apenas aqui assinalado que a primeira recensão crítica e tradução parcial de *The Vision of Don Roderick*, anónima, embora alegadamente atribuída a Vicente Pedro Nolasco da Cunha, foi incluída no volume I da revista de Londres intitulada *O Investigador Português em Inglaterra*, em Julho de 1811, ou seja, logo a seguir à publicação do poema. ⁽⁹⁾ Com efeito, estamos perante mais um caso em que são os órgãos de comunicação dos liberais no exílio a dar conta do modo como certas obras da literatura inglesa provocam ampla ressonância nos meios lusófonos e chegam a desencadear polémicas apaixonadas, como virá a acontecer a propósito de *Childe Harold's Pilgrimage* em 1812.

No caso vertente, o autor começa por referir a reputação de Walter Scott, louvando o seu apoio a Portugal na “continuação da guerra contra o Tirano do mundo,” Bonaparte e transcrevendo longo extracto da *Historia Verdadera* por Miguel de Luna que, como sabemos, foi fonte principal de *The Vision of Don Roderick*. A partir desta introdução, a resenha prossegue com paráfrases e comentários, frequentemente ilustrados com a tradução portuguesa das estrofes mais relevantes que exemplificamos com a primeira:

Existe um som de férvida harmonia,
Que inda sublime feitos de Mavorte
Ou morreu lá c'o Mestre a melodia
Que celebrou de Ilion a adversa sorte?
Tal Wellington teu nome excitaria
E por ti mares contrastando, e a morte
Se inchará à voz da tuba, que afiança
A Britânia Vitória a Portugal vingança. ⁽¹⁰⁾

Notemos, por fim, que aos críticos ingleses de *The Vision of Don Roderick*, escandalizados pelo facto de Walter Scott haver exaltado a guerra justa e haver caucionado a violência organizada, responde o anónimo autor da recensão, manifestando concordância com tal reparo mas acrescentando:

“No tempo em que vivemos, quando estão soltas as paixões mais violentas e desoladoras, não podem salvar-nos obras que inspirem somente sentimentos brandos e pacíficos. Poemas tais como os da Morte de Abel e Messias de Klopstock são próprios para tempos menos revoltos. Neste século de ferro, precisam-se versos de fogo que o derretam; cantos como os de um Moisés, de um Homero, de um Ossian ou de um Scott.” ⁽¹¹⁾

⁽⁹⁾ No *Catálogo do Fundo British Council*, na Biblioteca da Fundação Gulbenkian, o texto é atribuído a Vicente Pedro Nolasco da Cunha (p. 139), em coincidência com a opinião expressa já em Marla Laura Bettencourt Pires, *Walter Scott e o Romantismo Português* (Lisboa, 1979) 56.

⁽¹⁰⁾ *O Investigador Português em Inglaterra*, vol. I (Londres, 1811) 154.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, 162.

Por outras palavras, o diálogo de Walter Scott e do romantismo inglês com o imaginário hispânico, a pretexto do Rei Rodrigo, será, fundamentalmente, tanto um modo de intervenção cívica na luta anti-napoleónica ou um catalisador de convicções políticas como também um posicionamento face à realidade multicultural da Península onde a mesma lenda celebra não só os dois países ibéricos mas também o encontro da cultura cristã com o mundo árabe, no espaço do Mediterrâneo ocidental. ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ O presente trabalho foi apresentado como comunicação ao XVII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, em Aveiro, a 15 de Março de 1996.